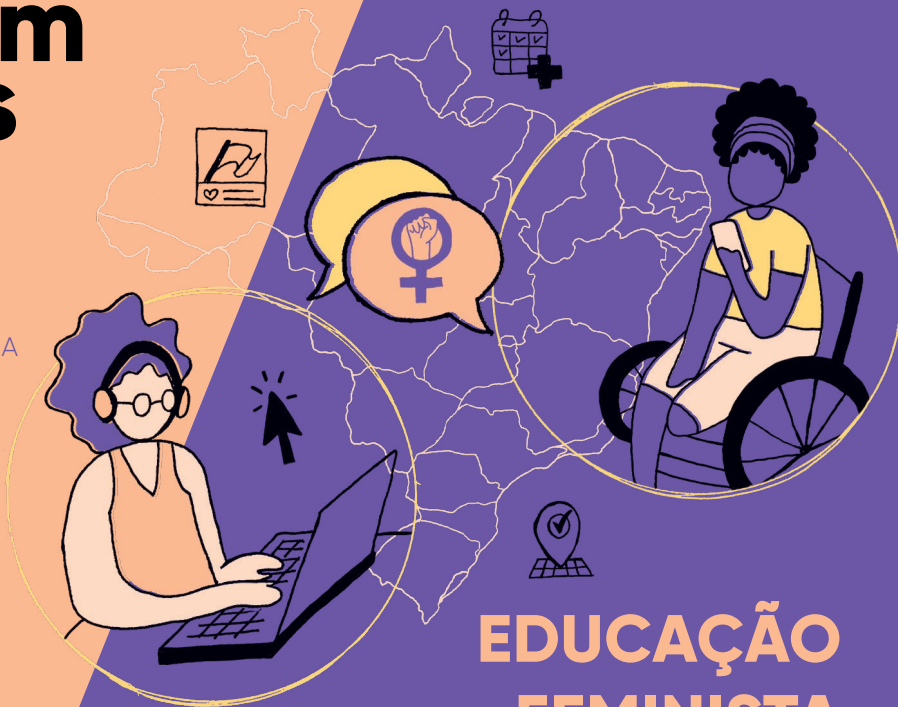


# umas.com asoutras

TROCANDO IDEIAS  
SOBRE O MUNDO DIGITAL

CICLO DE WEBINÁRIOS DA  
UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA

01



EDUCAÇÃO  
FEMINISTA  
À DISTÂNCIA

# TROCANDO E APROFUNDANDO REFLEXÕES

O ciclo de webinários **UMAS COM AS OUTRAS: TROCANDO IDEIAS SOBRE O MUNDO DIGITAL** foi realizado entre julho e agosto de 2020, pela Universidade Livre Feminista em parceria com a MariaLab. Foram quatro webinários com duração de uma hora, onde discutimos (1) Educação Feminista à Distância, (2) Formação Feminista nas Redes Sociais, (3) Cuidados Digitais e (4) Acessibilidade na internet. Os webinários foram mediados por colaboradoras da Universidade Livre Feminista e cada um contou com duas convidadas.

A ideia desse ciclo surgiu a partir da nossa necessidade de pensar sobre o futuro da Universidade Livre Feminista. Nosso projeto surgiu em 2009. De lá para cá, experimentamos vários formatos de atividades e muita coisa também mudou na internet, nas nossas formas de usá-la e nos espaços de debate político. Os webinários foram uma forma que encontramos de aprofundar nossas reflexões em diálogo com companheiras que também têm atuado na internet nos últimos anos, aprendendo com as experiências umas das outras para pensarmos sobre os desafios de agora e os que estão por vir.

# CONVIDADAS

**No primeiro webinar do nosso ciclo, conversamos sobre os desafios da Educação à Distância no campo dos movimentos feministas e antirracistas. Nossa mediadora foi Carmen Silva e as convidadas foram Isabela Sena e Laina Crisóstomo.**

**Carmen Silva** é educadora do SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia e militante do Fórum de Mulheres de Pernambuco/ Articulação de Mulheres Brasileiras. Colaboradora da Universidade Livre Feminista.

**Isabela Sena** é historiadora, educadora e feminista negra. Pesquisadora na área de gênero, raça e sexualidade. Coordenadora do Projeto [Bibliopreta](#). Integra a Rede de Ciberativistas Negras/Criola.

■ Criada em 2015, a Bibliopreta é uma plataforma digital de conhecimento negro, com foco em ciências humanas, discussões de raça e gênero e complementação de educação para alunos negros. O projeto foi criado, é gerenciado e tem curadoria de pesquisadoras e profissionais negras e busca fortalecer uma rede de mulheres negras que produzem conhecimento dentro e fora da academia. A plataforma disponibiliza textos e cursos online em modo Universidade Livre. O projeto também oferece tutoria, pesquisa guiada dentro e fora da academia, revisão de trabalho acadêmico, tradução acadêmica, ajuda em bases de dados e organização dos estudos, buscando se contrapor ao boicote que estudantes negros vivenciam nos espaços acadêmicos. Conta também com uma biblioteca de acesso livre, com grande acervo de publicações feministas, que reúne textos que vêm sendo reunidos desde 2012 por Isabela Sena e Sueli Feliziani, através da vivência em grupos de discussão e de estudos descoloniais de feminismo, ciências humanas, filosofia, raça, gênero e política.

**Laina Crisóstomo** é advogada feminista, mulher negra, gorda, mãe, lésbica, candomblecista, antiproibicionista, presidenta e fundadora da ONG Tamo Juntas.



Fundada em 2016, em Salvador-BA, a TamoJuntas - Assessoria Multidisciplinar Gratuita para Mulheres em Situação de Violência é uma organização não governamental feminista sem fins lucrativos, composta por mulheres profissionais (advogadas, assistentes sociais, psicólogas, pedagogas, médicas, dentistas) que atuam na assistência multidisciplinar a mulheres em situação de violência. A organização atua de forma voluntária em todas as regiões do país, na orientação, acompanhamento e acolhimento de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade social. Também promove eventos, cursos e rodas de diálogo com objetivo de promover espaços educativos e de maior conscientização para equidade de gênero e direitos humanos das meninas e mulheres. Em 2016, realizou o Curso EaD "Violência de Gênero: aspectos jurídicos, sociais e psicológicos", disponibilizado gratuitamente. O curso teve mais de 5.000 mulheres inscritas e 700 selecionadas de todos os estados do país.

# A EAD, NOSSA RELAÇÃO COM A INTERNET E A PANDEMIA DO COVID-19

A pandemia colocou a EaD no centro de muitas discussões. No Brasil, a grande maioria das escolas e universidades passou quase todo o ano letivo de 2020 desenvolvendo apenas atividades online. Nos últimos meses, também vivemos um intenso crescimento de cursos e seminários virtuais, que se multiplicaram em todas as áreas de conhecimento e na militância. Esse cenário revelou uma série de desafios para a incorporação de ferramentas digitais nos mais diversos espaços de educação e, principalmente, evidenciou a profunda desigualdade no acesso às tecnologias no Brasil. A pandemia lançou luz sobre uma questão fundamental no mundo em que vivemos hoje: o acesso à internet e às tecnologias é um direito e precisa ser pensado dessa forma, não como mercadoria.

A internet atravessa uma série de esferas das nossas vidas e aprofunda as desigualdades

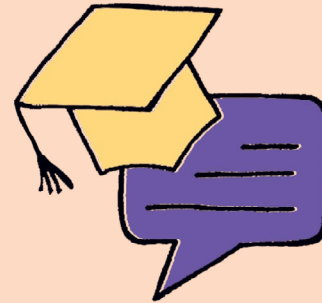
no acesso à informação e às oportunidades entre pessoas de diferentes classes sociais, identidades raciais, que vivem nos centros urbanos e nas áreas rurais e, também, entre pessoas que enfrentam desigualdades territoriais nas próprias cidades. Em relação ao acesso à internet no Brasil, dentro da realidade do país, poder contratar o serviço de uma operadora de internet e comprar um celular ou computador revela uma das dimensões dessas desigualdades. Mas também nos confrontamos com uma infraestrutura de rede profundamente desigual, onde é evidente a diferença na qualidade de conexão em diferentes bairros de uma mesma cidade e regiões do país. No contexto de pandemia, onde boa parte da vida migrou para os espaços online, o acesso e a familiaridade com a internet atravessaram o acesso a direitos fundamentais, como o próprio cadastro no auxílio emergencial concedido pelo governo.

Mesmo para as pessoas que já usavam a internet cotidianamente, a pandemia reconfigurou nossa relação com essas tecnologias. A superexposição às telas levou todas e todos nós a pensarmos sobre os limites dessas ferramentas e a importância dos encontros presenciais. Nos espaços de militância isso não foi diferente. Nas últimas décadas, a internet tem estado cada vez mais presente na nossa atuação política, seja a partir de discussões políticas em blogs e nas redes sociais, ou potencializando o encontro e a articulação política entre pessoas de diferentes partes do mundo, antes através de e-mails, hoje através do WhatsApp ou outros aplicativos de mensagens e plataformas de reuniões virtuais. Na pandemia isso foi intensificado e, se por um lado, essas ferramentas possibilitaram que a gente continuasse se organizando politicamente sem precisar sair de casa, por outro, esse uso intensivo aumentou velhos desafios e trouxe novos, que



passam também pelas desigualdades sociais que enfrentamos no nosso país e pelas dificuldades de construir espaços de escuta mútua mais horizontais em meio a tantas mensagens, sem podermos olhar nos olhos umas das outras.

O contexto nos coloca diante da necessidade de aprofundarmos inúmeras discussões sobre a nossa relação com a internet. É imprescindível lutar para que o acesso seja garantido a toda a população, mas é preciso olhar de maneira crítica para a forma como estas tecnologias estão se integrando ao nosso cotidiano. A EaD, assim como o trabalho em casa, tem sido entendida cada vez mais como “o novo normal”, sem considerar como aumenta a precarização da vida, em especial das mulheres que são responsabilizadas pelo trabalho doméstico e de cuidados. Mas quais são as consequências disso? Uma coisa é a gente entender este acesso como



um direito, lutar para que ele seja garantido e nos utilizarmos das suas possibilidades. Outra coisa é que essas tecnologias sejam impostas de uma forma que precariza ainda mais nossos trabalhos e empobrece as trocas dos espaços de ensino-aprendizagem, aumenta a distância entre as pessoas e aprofunda o individualismo, diminuindo espaços de encontro e troca afetiva.

Para a gente, construir espaços virtuais nos quais acreditamos significa encarar as desigualdades que persistem, abraçar as suas potências com criatividade e entender que estes não devem ser pensados como uma substituição dos espaços presenciais, mas sim como espaços com possibilidades, limites e particularidades.

# EDUCAÇÃO FEMINISTA À DISTÂNCIA

Quando a Universidade Livre Feminista surgiu, tínhamos o objetivo de utilizar esse espaço para fortalecer a luta coletiva das mulheres.

A nossa ideia era fortalecer e dar mais visibilidade, na internet, às experiências do feminismo popular e a uma perspectiva feminista anticapitalista e antirracista.

Tivemos muitas experiências interessantes, que se desdobraram no fortalecimento de coletivos e movimentos, na consolidação de coletivos novos e na troca e aliança com e entre grupos que atuam em diferentes partes do país.

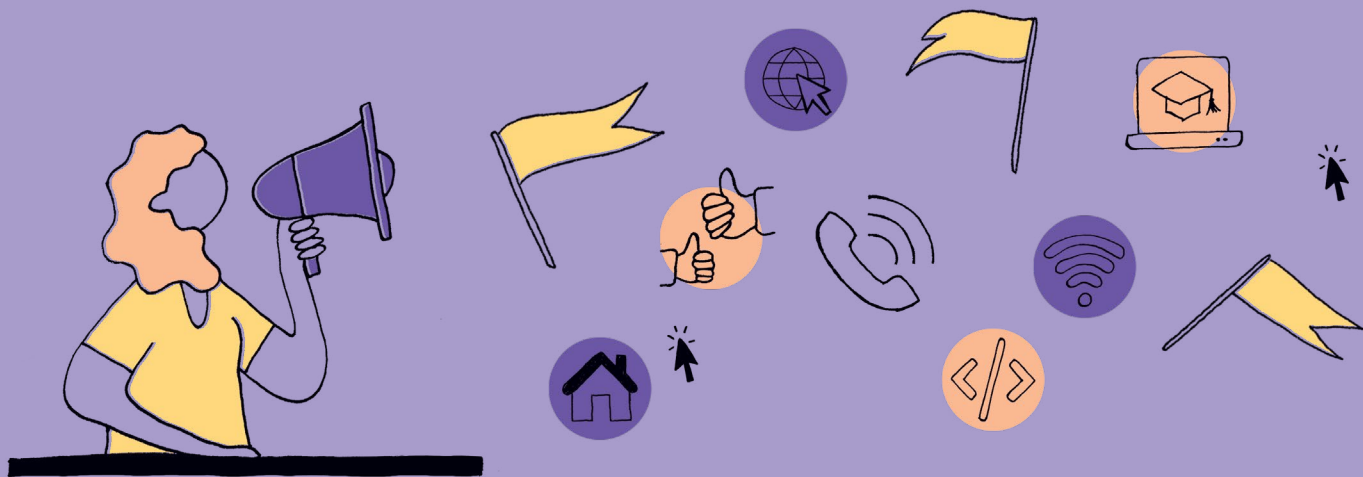
Pudemos criar encontros que teriam sido muito difíceis de acontecer fora da internet, pela logística, pelos tempos de deslocamento e pelos custos envolvidos.

Essas são experiências que nos fazem pensar que a internet é de fato um lugar a ser ocupado. Por outro lado, os seus limites também são evidentes.

As dificuldades de conexão e de manejo das ferramentas por parte das companheiras que se inscrevem nas atividades de formação são alguns deles, assim como os desafios pedagógicos. Na nossa trajetória, temos tentado compreender melhor a relação que estabelecemos com essas tecnologias para buscar caminhos para incorporar princípios da pedagogia popular e feminista aos espaços online, um desafio nada simples que nos impulsiona a experimentar sempre estratégias diferentes.

Para a formação feminista, o diálogo e a horizontalidade são centrais. Mas essa troca é um grande desafio nos espaços virtuais, onde é comum que as participantes dialoguem com a educadora, mas é difícil criar um ambiente que estimule o diálogo das participantes entre si. Isso diminui a força do intercâmbio de experiências, que é tão importante para a pedagogia popular feminista.





Outro desafio dos espaços online é a inclusão das vivências corporais. A corporalidade e as emoções são muito importantes para a educação feminista, mas como trabalhar esses elementos na educação à distância? Temos feito algumas experiências, mas segue sendo um desafio.

O diálogo com Isabela Sena e Laina Crisóstomo nos fez pensar que a ambiguidade que está colocada no uso da internet talvez não possa ser superada. A gente acredita nas potências

desse universo, mas também que, para se alimentar delas, é preciso ter um olhar crítico sobre os usos que o mercado tem imposto pra gente. Aproveitar essas potências passa também por compreender seus limites e não esperar desses espaços o mesmo que se espera dos presenciais. Entender essas diferenças é importante para que a gente consiga explorar o que há de próprio desse universo, sem tentar reproduzir dinâmicas presenciais que não podem ser transpostas para o ambiente virtual.

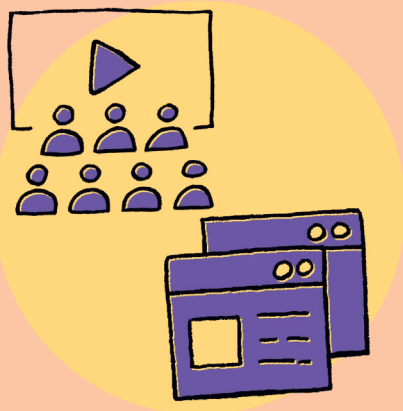
# CAMINHOS PARA EXPLORAR NA EAD

- INCENTIVAR A CONEXÃO
- DAS PESSOAS COM SEUS
- TERRITÓRIOS COMO UMA
- FORMA DE **VIVENCIAR O**
- **CURSO PARA ALÉM DA**
- **INTERNET**



A Educação à Distância pode ser algo com que a gente se conecta quando abre o computador ou o celular e encerra quando desliga esses aparelhos. Ou pode transbordar o próprio espaço online, estimulando atividades que conectam as pessoas às suas vivências para além dessas tecnologias. Uma estratégia utilizada pela Tamo Juntas foi desenvolver atividades de pesquisa nos territórios em que as participantes estão situadas. A ideia era que elas pesquisassem as condições dos serviços de atendimento às mulheres vítimas de violência nas suas regiões. Existe Conselho da Mulher na sua cidade? Onde é a Delegacia de Atendimento Especial à Mulher mais próxima de você? A proposta foi que as mulheres trouxessem as discussões do curso para a sua própria realidade e se conectassem com as questões e demandas dos seus territórios.

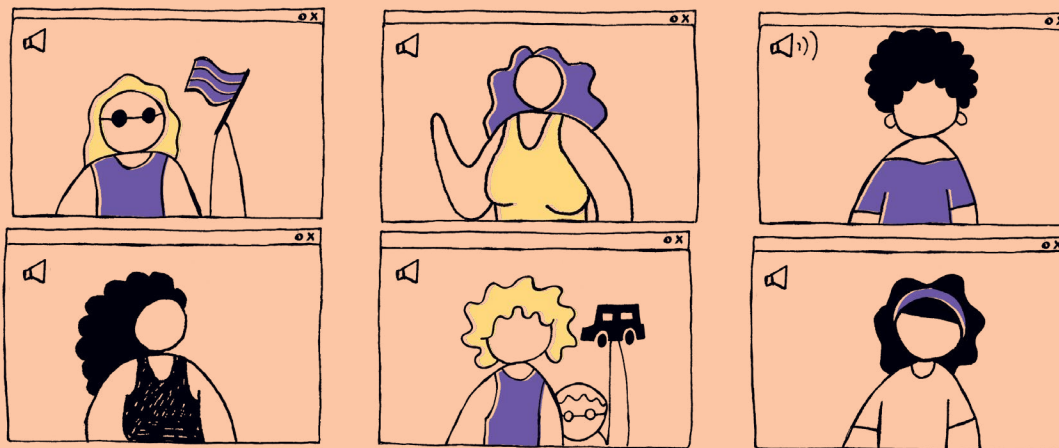
## : UTILIZAR DIFERENTES : LINGUAGENS



Nem todo mundo tem hábito de leitura e, como a maior parte das pessoas têm acesso à internet pelo celular e não pelo computador, textos muito longos às vezes podem ser bem desafiadores. Incentivar a leitura é importante, mas a gente não pode ignorar essas dificuldades, principalmente quando trabalhamos numa perspectiva da pedagogia popular feminista. Mesclar os conteúdos dos cursos com textos, vídeos e

imagens é uma forma de aproximar o conteúdo das pessoas. Assim como a Universidade Livre Feminista, a Bibliopreta e a Tamo Juntas também buscam utilizar diferentes tipos de linguagens para que as pessoas acessem os conteúdos da forma que é possível para cada uma. Mapear as possibilidades das pessoas com quem estamos dialogando é muito importante para que o processo de troca aconteça e seja potencializado. Não existe regra, mesmo que estejamos trabalhando com grupos aparentemente homogêneos. Isso se torna mais difícil na medida em que trabalhamos com grupos maiores, mas até mesmo um simples questionário de inscrição pode nos ajudar a pensar sobre os materiais que vamos utilizar. Na própria internet, cada vez mais temos encontrado materiais interessantes, como vídeos e podcasts, que podem ser incorporados como subsídios para os conteúdos.

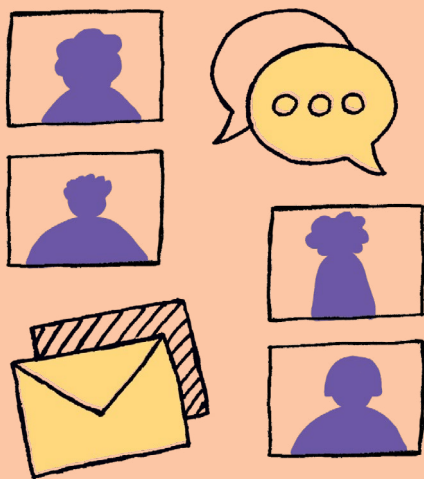
## : CONHECENDO UMAS : ÀS OUTRAS



Nas atividades de formação presenciais, sempre temos momentos de acolhimento na abertura, onde a gente pode conhecer um pouco da história das mulheres presentes. Nas experiências online, uma possibilidade é criar um fórum inicial de apresentação, onde as mulheres podem se apresentar, colocar fotos e falar um pouco das suas histórias. Essa é uma estratégia interessante. A gente percebe que,

quando temos muitas pessoas participando, acaba ficando difícil se familiarizar com todo mundo. Mas, pelo menos, é uma forma de nos aproximarmos um pouco mais e conhecermos as mulheres que estão por trás das mensagens que trocamos. Fizemos isso ao usar a plataforma Moodle, e pode ser mais fácil nas novas plataformas de reunião que hoje são mais usuais e têm outras possibilidades de interação.

: CRIAR OU INCENTIVAR  
: A CRIAÇÃO DE **FÓRUNS**  
: **PARALELOS E INFORMAIS**



Quando a gente participa de uma formação presencial, tem sempre os momentos de intervalo para conhecer um pouco melhor as outras participantes, estreitar laços, trocar informações para além do conteúdo do curso. Às vezes, é nesses espaços informais onde

acontecem as trocas mais significativas. Construir esse tipo de espaço é difícil em um curso online. Na Universidade Livre Feminista, quando utilizávamos a plataforma Moodle, criamos uma Sala do Cafezinho, onde a ideia era que a gente conversasse sobre conteúdos para além do curso. Ele possibilitou algumas trocas, mas a gente acabou percebendo que um espaço como esse precisa existir de forma mais espontânea. Entre pessoas que estão participando de atividades online, esses espaços de troca informal muitas vezes são criados pelas próprias participantes no WhatsApp, Telegram ou outros aplicativos de mensagens. Isso acaba extrapolando o espaço da formação e boa parte desse conteúdo não vai passar pelos espaços do curso, mas a ideia é que as trocas ultrapassem mesmo o programa e que as atividades de formação sejam também possibilidades de encontro entre as pessoas e formação de redes.

## :EXPLORAR **OUTROS** CANAIS :DE COMUNICAÇÃO

A Bibliopreta dividiu com a gente a experiência de explorar diferentes canais de comunicação, entre e-mails e WhatsApp, dependendo do que funcione melhor para as participantes. Esta é uma forma de fazer com que a comunicação flua com mais tranquilidade. No trabalho que elas desenvolvem, esse tipo de adaptação é mais fácil porque elas trabalham com grupos pequenos. No caso de grupos maiores, é mais difícil contemplar todas as participantes, mas percebemos que entender melhor a relação que as pessoas com quem estamos trabalhando estabelecem com a internet e quais ferramentas utilizam é importante para que a comunicação possa acontecer.



## : ACESSO À INTERNET

Outra estratégia interessante utilizada pela Bibliopreta, para contornar os desafios de acesso à conexão, é mapear se existem e onde estão os pontos de Wi-Fi livre disponíveis nas cidades onde as participantes estão.

Na Universidade Livre Feminista, também temos experimentado contornar essa barreira a partir de subsídios para internet para as participantes dos cursos. Alguns coletivos e movimentos que se inscrevem nos nossos cursos também têm buscado construir parcerias com organizações feministas, universidades e lan houses e organizado momentos de acesso conjunto aos conteúdos dos cursos, quando as militantes não têm computadores ou internet em casa. Nestas experiências, o momento de acessar os conteúdos dos cursos acaba se transformando também em espaços de troca de conhecimentos sobre as próprias tecnologias digitais.

## : FORTALECER A : FORMAÇÃO DE REDES

Entre as potências dos processos de formação política está a construção de redes que possam ser nutridas para além das próprias atividades pedagógicas. Na internet isso pode inclusive dar lugar a redes entre pessoas e grupos que atuam em diferentes lugares. A Bibliopreta, em diálogo com valores da pedagogia feminista, parte da percepção de que todas as pessoas são produtoras de conhecimento. Como forma de estimular a construção de redes, a Bibliopreta coloca em contato direto as pessoas que chegam com demandas parecidas



## : INTERNET E : CAPACITISMO

Temos visto as discussões sobre acessibilidade serem cada vez mais incorporadas nos espaços urbanos e no acesso a locais físicos. Assim como nas atividades pedagógicas presenciais, os espaços de formação online também precisam ser acessíveis. A princípio, pensar em acessibilidade na internet pode parecer simples e algo que não requer tanto investimento. De fato, existem muitas ferramentas fáceis de serem incorporadas, que contribuem para deixar os conteúdos acessíveis. Mas pensar em espaços acessíveis, principalmente quando o tema é educação, às vezes, requer que a gente repense a concepção do próprio espaço. Entre as várias discussões que estiveram em evidência no período da pandemia, a acessibilidade comunicacional foi uma delas. Na maior parte das vezes, a gente só começa a pensar sobre acessibilidade quando interagimos com pessoas que precisam de acessibilidade nos nossos



espaços. Como inserir a acessibilidade como uma regra, independente de ter ou não uma pessoa que necessite dessas ferramentas presente? Até para que isso abra a possibilidade de pessoas com necessidades diferenciadas participarem. Discutimos um pouco estas questões no Webinário 4 do nosso ciclo de Debates.



## : DIÁRIO DE BORDO

A Tamo Juntas utilizou o Diário de Bordo como uma forma de se aproximar do cotidiano de aprendizado das pessoas inscritas nos cursos. É uma ferramenta disponível na plataforma Moodle, mas também pode ser adaptada para outros espaços. A ideia é que seja um espaço onde as pessoas registrem o que estudaram ou o que fizeram no dia, criando uma rotina de partilha da experiência de formação.



# umas.com asoutras

TROCANDO IDEIAS  
SOBRE O MUNDO DIGITAL

CICLO DE WEBINÁRIOS DA  
UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA

## FICHA TÉCNICA

**Organização dos Webinários** Cristina Kenne, Fernanda Shirakawa, Sophia Branco e Thayz Athayde  
**Apoio técnico** Daniela Araújo, Déborah Guaraná, Laila Braga  
**Audiodescrição** Cristina Kenne  
**Interpretação de Libras** Simone Dornelles  
**Edição de Vídeos** Maria Cardozo e Roberta Cardoso  
**Design** Isabella Alves  
**Sistematização dos debates** Daniela Araújo, Laila Braga, Sophia Branco e Thayz Athayde  
**Revisão de Texto** Cristina Lima

realização



Universidade  
Livre Feminista



CUNHA  
CULTURA E MÚSICA



SOS CORPO

Instituto Feminista para a Democracia

maria  
[lab]

parceria

COLETIVO FEMINISTA  
HELEN KELLER

apoio



FORDFOUNDATION



HEINRICH  
BÖLL  
STIFTUNG  
A Fundação Pública Verde



INTERNATIONAL WOMEN'S  
HEALTH COALITION



União Europeia

AK  
FOUNDATION

OPEN SOCIETY  
FOUNDATIONS